

## ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

**O final de um estándalo**  
prevê-se com prejuízo grave  
para as últimas das "fórcas-vivas"

As reuniões da Associação Comercial continuam, embora já tenha passado a sua fase mais pitoresca, a oferecer aos consumidores um espetáculo cheio de sensação. Os oradores, na sua maioria cotados assambadores riquíssimos comerciantes nascidos durante a guerra, prosseguem atirando punhados de lama à cara uns dos outros.

Os lobos desavieram-se e disputam entre si quem arrancou com mais êxito, isto é, com maior lucro. Mas a questão fundamental, a que neste momento mais os ocupa embora não o deixem transparecer claramente, é a dos negócios que estão entre mãos.

O Século caiu, graças às desonestas habilidades e a processos dignos de presidiários, nas mãos dum famoso e restrito grupinho de ambiciosos, no qual se destaca pelo seu feitio impulsivo e pela sua audácia grosseira o sr. Pereira da Rosa. Este grupinho, depois de ter alcançado a sua autonomia abandonando a União dos Interesses Económicos, resolveu favorecer sólamente os negócios dos seus amigos e deitar abaixo os dos outros, desde que eles não sirvam os seus interesses ou não caiam, por qualquer razão, no seu agrado.

Os homens da Moagem e os dos açúcares coloniais queriam à viva força que o Século defendesse a má qualidade do pão e o aumento de preço deste último género alimentício. Os da Moagem estribavam-se no contrato a que Pereira da Rosa não deu cumprimento e segundo o qual se comprometia a fazer de cégo perante as gatunices e os latrocínios dos que roubam o pão ao povo; os dos açúcares não tinham uma razão tão forte, mas entendiam que o facto do Século ser órgão da União dos Interesses Económicos constituía razão suficiente para lhes não estragarem o negócio — negócio que consistia, é claro, num exorbitante aumento do preço do açúcar. O Século em vez de defender a Moagem atacou-a e em lugar de defender os açucareiros coloniais defendeu os interesses dos importadores de açúcares, que lhes são antagónicos.

Dai o rastilho que inflamou as assembleias das emeritas "fórcas... do ônibus vivo!".

Em torno destes negócios havia grandes e famosos escândalos, escândalos que são já triviais nesta sociedade corrompida à força de proliferarem com êxito crescente e impunidade certíssima. A comprometer o meneur das "fórcas vivas" Pereira da Rosa surgiu a acusação verdadeira dele ter, por intermédio do Século, defendido o regime protecionista para os superfiestos quando o tinha combatido para os açúcares. Ou comem todos ou se só come o sr. Alfredo da Silva tem que haver moralidade... É claro que isso é impossível. Em primeiro lugar o sr. Alfredo da Silva, uma das figuras mais sinistras da finança internacional, já comeu; em segundo os dos açúcares coloniais tantas voltas hão-de dar que comerão também e o final da peça será fatalmente aquilo que já de princípio nós antevímos: o povo consumidor será o único comido, isto é, o único que continuará sendo explorado e rouba-

do. As pessoas que se inclinam para o optimismo hão de ficar felizes, hão de sentir-se radiantes com o fecho da vergonhosa e ignobil questão que há tempos se vem arrastando, com tão grande espalhafato, na Associação Comercial.

O sr. Pereira da Rosa será proclamado um ínclito homem de bem e todas as suas trampolines, todas as suas habilidades desonestas serão consideradas como actos dignos, merecedores, senão de entusiásticos louvores, pelo menos dum voto que lhe permitirá continuar a ser o "honrado comerciante da nossa praça" e o "intemperado orientador da opinião pública" por meio do Século que ele comprou com o dinheiro dos outros. Os outros por sua vez não farão mais ruído em volta do caso, porque o dinheiro que perderam foi arrancado à bôsas dos trabalhadores. E serão os trabalhadores quem pagará a "generosidade" dèles para com Pereira da Rosa, visto que nascem para ser roubados, isto é para trabalharem e rebentarem de fome e de miséria. (L.)

## MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

**Os falsos aspectos de uma estatística atrabiliária**

No quarto aniversário da A. I. T. foi publicada uma estatística dos operários que agrupam nas diversas tendências do movimento operário internacional. Os dados contidos na estatística referentes ao movimento sindical são inexatos na sua maior parte e desfiguram os aspectos do mesmo movimento. Por isso, consideramos que a estatística não pode ficar sem uma resposta.

Não nos custa a acreditar que o documento tenha sido elaborado sem má intenção. Sabemos que muito difícil se torna conseguir números exactos acerca do movimento operário internacional. Essa dificuldade mais aguda se verifica no movimento anarcosindicalista daqueles países em que, a pesar de predominar um espírito revolucionário moderado, são muito precárias as possibilidades de estatística.

E doloroso confessá-lo, mas, também, acrescentemos que a influência de um número relativamente pequeno de organizados no movimento operário libertário dos países latinos é muito superior à que pudesse exercer igual número no movimento reformista dos países germânicos. Não se tem em conta, perante os números meramente mecânicos, o sentido que elas encarregam e as fundamentais diferenças de caráter de cada povo.

Se as estatísticas referidas provam que, no período que vai de dezembro de 1921 a dezembro de 1924, as organizações experimentaram um aumento de filiados relativamente mais elevado do que o das restantes tendências, é forçoso reconhecer que foi quando o movimento sindical ganhou maior expansão nos países latinos e hoje se encontra neles enraizada a mais negra das reacções.

A título de demonstração bastará citar a Espanha e à Itália. Se na Alemanha e na Inglaterra, países em que os sindicatos de Amsterdão são numericamente mais fortes, existisse uma reacção tão furiosa que aniquilasse, até o fim, as organizações, o quadro apresentar-se-ia muito diverso e mais favorável à F. S. S.

Soubemos sempre manter-nos afastados do tom unilateral e orgulhosos dos reformistas, tanto como do odioso e desleal carácter dos boleivistas, sabermos conservar o futuro o nível exigido pela dignidade do movimento operário.

Por isso, queremos cingir-nos à demonstração das inexactidões que se contêm na estatística, sem nos alongarmos a averiguar se se trata de levianidades dissípidas ou erros premeditados, visto que o mesmo se rá o resultado em qualquer dos casos.

A primeira coluna da estatística tem ao alto o título *Federación Sindical Internacional* (Amsterdão). Para o ím, entre os seus

aderentes, figura o México com um total de 750.000 filiados. Não sabemos agora que organização mexicana que tenha aderido ou esteja aderente à F. S. I. A C. R. O. M., até hoje, não se juntou à International em Amsterdão e tampouco se deve referir a C. G. T., pois esta, em 1924, contava 200.000 aderentes, aproximadamente.

Interessar-nos-ia também saber porque se atribui à C. G. T. mexicana o total de 16.000 aderentes. De igual forma se antolha difícil responder-nos onde se informaram os elaboradores da estatística acerca de 15.000 filiados atribuídos à I. S. V. no Chile. Trata-se, certamente, de qualquer das famosas criaturas de Moscova com quais os bolchevistas pretendem deslumbrar o proletariado internacional.

O que também estranhamos, sobretudo, é que a F. S. I. conte na América três milhões de filiados, a pesar de não se incluir os seus aderentes à Federação Americana de Trabalho.

Os poucos exemplos que arrancámos à mencionada estatística bastam para demonstrar que os dados nelas contidos andam muito longe da verdade. Não se pode chegar a uma séria conclusão, e isso faz maior favorável à F. S. S.

Sobre a base dumha estatística tão inexacta se pretende formar o cálculo em que a organização sindicalista revolucionária perderia, nos três referidos anos, 62,4 por cento dos seus efectivos. A perda de filiados na F. S. I. é calculada em 21 por cento, enquanto que os sindicatos comunistas têm um aumento de 264.845 filiados, ou seja, 37 por cento.

A maestria dos boleivistas no manejo das cifras é sobejamente conhecida.

O total de filiados na organização sindicalista revolucionária é, segundo a célebre estatística, de 471.438, e do comunista ascendente a 7.250.000, dos quais 6.500.000 pertencem à Rússia, e o da reformista alcançam a soma de 17.750.000.

Os números, que por si pouco representam, dão uma falsa noção do movimento comunista, desde que os componentes de sindicatos não são avaliados de igual forma que em referência aos sindicatos de outros países.

Também na Alemanha se vêem os trabalhadores frequentemente obrigados a pertencer às organizações reformistas e, por conseguinte, tampouco se torna rigorosamente exacto o quadro que a estatística oferece.

Depois do que fica exposto, julgamos ter provado que sobre a base de falsas estatísticas não se pode fundar uma teoria de progresso ou regresso das diversas tendências do movimento operário. (Serviço de Imprensa da A. I. T.)

**A grande convulsão chinesa**

Uma batalha em frente de Xangai

XANGAI, 5.—Está desde ontem à tarde travada uma batalha nos arredores de Xangai a qual deve decidir não só a sorte desta cidade como de todo o sul da China. A ofensiva foi tomada, em Fayang, pelo general anti-boleivista Sun-Chuan Fang. Os efectivos dos dois exércitos são aproximados. (L.)

**Os ingleses escorregados**

XANGAI, 5.—A agência oficial japonesa rectifica o telegrama anunciando que os ingleses em Hankow foram expulsos da concessão britânica, e precisa que os chineses fecharam sólamente alguns armazéns britânicos, escorregando os seus ocupantes. (L.)

**A vingança não se demora**

XANGAI, 5.—Dizem de Hankow que depois dos incidentes de segunda-feira se realizou uma conferência com as autoridades chinesas e os comandantes das forças britânicas para estudar as medidas necessárias à manutenção da ordem. Como solução conciliatória, as forças navais britânicas retiraram para bordo dos navios de guerra fundeados no Yang-Tse, comprometendo-se as autoridades chinesas a evitar as provocações dos coolies. (L.)

**Os japoneses não saem**

TÓQUIO, 5.—O ministro dos negócios estrangeiros, ao receber ontem o embaixador britânico, declarou que o Japão se abstinha de anunciar o "memorandum" da Inglaterra sobre a China, mas que respeitava o tratado de Washington. (L.)

**Uma concessão que cassou**

XANGAI, 5.—As últimas notícias de Hankow dão ocupada pelos chineses a concessão britânica ali existente, tendo os seus possuidores sido expulsos violentamente. (L.)

**Nada de mútuas contemporizações**

PEQUIM, 5.—Grupos numerosos de chineses extremistas invadiram várias concessões estrangeiras perto de Wang-Kon provocando conflitos e determinando a intervenção energética dos marinheiros ingleses. (L.)

**Navios ingleses para a refrega**

HONG KONG, 5.—Os cruzadores ingleses «Vindictive» e «Carlisle», e o «destroyer» «Vichar» partiram com destino a Hankow. (L.)

**O fogo não tem o culto dos mortos**

VENEZA, 5.—Um incêndio destruiu parcialmente o palácio dos príncipes da igreja, onde estava armada a câmara ardente do almirante Canavarro. O férreo pôde ser transportado a tempo para o vestíbulo. O sinistro foi originado pelas velas que ladeavam a urna e que comunicaram o fogo às tapeçarias próximas. O palácio era um dos mais belos tesouros arquitectónicos de Veneza. (L.)

**Notas & Comentários****A Kashgar todos vão**

Talvez para dominar a falta de assunto, um jornal da noite lembrou-se de noticiar as delícias de Kashgar, que é, assim, um lugar onde há tudo. Andando a imprensa, curvada, sem vontade própria, em ansia por uma novidade, a descoberta do fecundo lugar é uma solução. Para servir o paladar dos abencerrages da imprensa, os jornalistas tiram-se de agonia pedindo licença para se ausentar — para encontrar uma maneira de encher colunas sem necessidade de assunto.

**Identificados**

Disse-se algures que o Arquivo de Identificação apurou uma receita de 200 contos. O bilhete de identidade tem sido a parte mais rendosa. E' caso para nos julgarmos identificados enquanto os duzentos contos se vão arquivando nos cofres do Estado, onde há ainda muitas vagas... (L.)

**Concurso singular**

Os americanos sempre foram de um exotismo engraçado. O que a elas não lembra, não ocorre aos europeus. Um jornal americano vem de realizar um inquérito original entre todas as escolas do mundo para escolher as doze grandes figuras da história que melhores serviços prestaram à humanidade. Foi o seguinte o resultado dessa escolha: Luis Pasteur, Abraham Lincoln, Cristóvão Colombo, George Washington, Benjamin Franklin, Warden Wain, Florence Nightingale, Jeanne d'Arc, Socrates, Gutenberg, David Livingstone, George Stephenson.

Pasteur, o sábio francês, foi classificado o primeiro benfeitor da humanidade. Ainda havemos de assistir a um inquérito sobre o país mais original, não resolvendo dúvidas sobre quem recorrerá o prémio.

**O choque é terreno liso?**

VIENA, 5.—O engenheiro Joret Drach anuncia ter descoberto um meio de evitar os choques de comboios pela sua paragem automática desde que encontre qualquer obstáculo na sua marcha. (L.)

**A revolução na Nicarágua****Um quartel atacado**

MÉXICO, 5.—Na cidade de Lion, estado de Yanquián, os quartéis das tropas de guarnição foram atacados por 200 rebeldes. Repelidos os assaltantes voltaram de novo a atacar os soldados, sendo estes dispersos a tiro. Foram executados depois do assalto 11 habitantes de Lion, dos quais 6 pessoas de certa representação. (L.)

**O dólar é soberano**

WASHINGTON, 5.—Coolidge afirma que os Estados Unidos têm o maior direito de compra na América do Sul pelos 600.000 dólares despendidos na continuação do canal através da Nicarágua e pelo estabelecimento da base naval em Fonseca Bay. (L.)

**Interdependência do privilégio económico e político**

Para que o homem seja livre na terra livre, é, pois, necessário começar por atacar o edifício de mentiras dos dominantes pela propaganda e ação incessantes das minorias conscientes, conjugadas com as agitações e descontentamentos das massas, para chegar em fim a destruir ao mesmo tempo a coação económica e a política. Uma não pode viver sem a outra; e se após uma revolução, encontramos tal qual uma delas, é porque a outra só mudou de nome ou de feito.

Se, porventura, subsistisse o senhor das coisas, este em breve se rodearia de guardas e cointeressados; e o mesmo faria o detentor do poder político, que persistisse sob o pretexto de defesa dos interesses comuns: trataria de se amparar numa classe privilegiada, distribuindo pelos apatridos as funções mais leves ou mais bem remuneradas, criando de qualquer forma uma burocracia ociosa e parasitária. O farão, que isenta os padres (e certamente os queridos), dão o exemplo clássico.

Os egípcios deviam ter comunitado os celestes, terras e gados e organizado o trabalho por conta de todos, por meio de associações produtoras. E se os modernos não querem continuar a vegetar na servidão e na carestia — terreno onde floresce a riqueza dos assambadores — não têm outro caminho a seguir.

Eis porque queremos a socialização dos meios de produzir, da terra e dos instrumentos de trabalho. Queremos que a riqueza, fruto comum indestrinável do labor manual e intelectual das gerações passadas e presentes, comum venha a ser na sua aplicação. Noutros termos, trabalhamos pela abolição da propriedade particular, pela extinção do monopólio do capital — dizendo capital, queremos aqui significar, não o dinheir, mas as verdadeiras utilidades, os meios de produção, que devem ser postos à disposição de todos. Tão monstruoso regime vive e prospera sóbre a limitação da produção, quer seja normalmente determinada pela restrição das possibilidades de consumo, vicio orgânico do sistema do salário, quer seja provocada pelas grandes crises de miséria e carestia, tão favoráveis ao enriquecimento dumha minoria.

Eis também porque reclamamos a supressão da instituição governamental, pela socialização do poder político. Isto é, queremos substituir a actual organização política autoritária por uma organização política anarquista, que parte do indivíduo para a sociedade, associando-se livremente os indivíduos, federando-se os grupos. Queremos a organização baseada sobre a cooperação voluntária, adaptando-se plasmaticamente às múltiplas necessidades humanas.

**Os empreendimentos úteis****Radiotelegrafia entre dois continentes**

LONDRES, 5.—O director geral dos correios espera que a abertura do serviço público rádio-telefónico entre Londres e New York possa realizar-se na próxima sexta-feira pelas 13 e 45. O serviço será feito entre as treze e trinta e as dezoito horas (tempo de Greenwich), sendo os perfodos de conversação limitados a 12 minutos e ao preço de 60 £ (sessenta libras). Dentro em breve o serviço será tornado extensivo a toda a Inglaterra e possivelmente aos países do continente europeu, ligados a Londres por linhas terrestres e suburbanas. Os subscritores poderão fazer de suas casas as chamadas para New York, cujas ligações serão feitas pelas suas respectivas estações. Foi hoje igualmente anunciada a conclusão do cabo submarino telefónico ligando directamente a Inglaterra à Alemanha. (L.)

**O moderno caminho para a Índia**

LONDRES, 5.—Os dois pequenos aviões equipados com motores de 90 cavalos e pilotados pelos pilotos amadores Stack e Leete têm feito consideráveis progressos na sua viagem para a Índia. Os dois aparelhos chegaram ontem a Beniés-Abbas, part

**Teatro Apolo**

Telef. 3010 N.  
Companhia Almeida Cruz  
HOJE e todas as noites  
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30  
com a esplêndida ópera

**MOURARIA**

em 5 actos, original de Lino Ferreira,  
S. Tavares e L. Lauer, musicada  
pelo mestre Flávio Duarte.

Protagonista:  
**Adelina Fernandes**

**PREÇOS POPULARÍSSIMOS**

Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fau-  
teuls, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.  
Geral, 2\$00

clímas e países submetidos a condições polí-  
ticas e económicas tão diversas, se uni-  
fiquem presentemente, a não ser que esta  
mentiriosa união não lhes seja imposta au-  
toritariamente de cima, o que nos condu-  
ziria à mentira católica?

No futuro não deixará de produzir-se uma  
uniificação maior e mais completa debaixo  
da dupla influência da ciência progressiva  
e dum lado e da unificação de interesses e de  
posições de outro. Mas isto terá que ser  
obra do tempo e havia de se esperar efecti-  
var muito ainda se se quizer a emancipação  
do proletariado sobre esta perfeita solidi-  
dade teórica.

E essa a glória eterna da Internacional, e  
nós reconhecemos que o companheiro Carlos  
Marx particularmente compreendeu isso;  
tendo procurado e encontrado não num  
sistema filosófico ou económico qualquer,  
mas sim na consciência universal do prole-  
tariado dos nossos dias, ideias práticas, re-  
sultantes das suas próprias tradições histó-  
ricas e da sua experiência diária, que encon-  
trareis no sentimento, no instinto, embora  
não o seja no pensamento reflexivo dos  
operários de todos os países do mundo ci-  
vilizado, que constituem o verdadeiro lema  
do proletariado moderno.

Estas ideias diferentes, magnificamente  
resumidas nos considerando dos nossos  
Estátutos gerais, formam o verdadeiro princípio  
constitutivo, fundamental e obrigatório  
da nossa Associação; porque para perten-  
cer à International, as secções e os  
indivíduos devem aceitar este princípio.  
Tudo o mais se deixa ao livre desenvolvimento  
do pensamento individual e colectivo  
das secções, visto que as mesmas delibera-  
ções e resoluções dos Congressos gerais,  
se não como recomendações oficiais, e  
nunca como verdades absolutas oficialmente  
impostas às secções.

A International não existe mais que uma  
lei soberana, garantia potente da sua uni-  
dade; a solidariedade prática do proletariado  
de todos os países na sua luta contra a  
opressão contra a exploração burguesa.  
Qualquer que seja a dissidência das opiniões,  
teórica e prática, entre os operários de um mesmo país ou de países diferentes,  
devem manter o seu apoio e auxílio mútuo  
nesta luta. O trabalhador que faltasse a esta  
obrigação suprema, quer por rivalidades de  
nacionalidade, quer por interesses de partido, seria  
considerado como traidor pela Associação  
inteira. Para o operário, todo aquele que  
aceita este princípio da International, seja  
que pais for, é um irmão, e pela mesma  
razão, o burguês, o explorador indígena e todos  
os partidários da sua política, ainda  
que vivam na mesma localidade, são inimigos  
e estrangeiros.

Já vos disse que esta solidariedade prá-  
tica do mundo operário que está integrado  
na International, e que se estende ainda a  
esse numero considerável do proletariado  
não aderente, estabelece-se desde logo in-  
dependente das ideias políticas que  
possam prevalecer nesses diversos grupos de  
operários; e os nossos inimigos tiram uma  
afirmação absurdamente que prosperando a Inter-  
national sob qualquer forma de governo,  
pode viver com todos os regimes possíveis.

E preciso estar-se muito cego pelos ideais  
divinos e celestes, para não ver que nesta  
solidariedade internacional e prática que  
constitui a verdadeira base da nossa Asso-  
ciação e nos considerando dos nossos Es-  
tátutos Gerais, que são a sua fiel expressão,  
há germes duma nova política, que são os  
da política internacional do proletariado;

que esta política é o reverso do radicalismo  
burguês—que só sonha em reconstituir novos  
Estados, isto é, novas prisões e novos

estabelecimentos de correção e de trabalho  
forçado para o povo,—tende à abolição das  
fronteiras, das pátrias políticas, dos Estados,

das diferenças de classe, de todos os  
privilégios jurídicos, económicos e sociais,

a fim de que todos os seres humanos, desde

o seu nascimento, encontrem, enquanto seja  
possível, iguais meios de alimentação, de

higiene, de instrução e de educação, e pos-

sam chegar a ser, na medida das suas for-

ças, trabalhadores manuais e intelectuais,  
livremente associados para a produção co-  
lectiva, única fecunda, como se sabe, e ho-  
mens livres na colectividade livre.

Miguel BAKUNINE

**Um pequeno entendimento**

BELORADO, 5.—O ministério dos Negócios Estrangeiros publicou uma nota  
oficial declarando que a conferência da  
pequena «entente» que se reúne brevemente em Bastilha considerará várias questões  
de política internacional britânica, e em especial o novo «Status quo» criado  
pelo tratado italo-albanês.—L.

**Um partido a caráter**

CONSTANTINOPLA, 5.—O governo  
está dedicando especial cuidado à organi-  
zação do partido social-democrata.—L.

**IMPRENSA****Carteiras de Identidade**

Na sede do Sindicato dos Profissionais  
da Imprensa, podem ser feitas pelos jornalistas  
profissionais as requisições para a  
concessão de carteiras. Iguais, a partir  
do próximo dia 8 começaram as revalidações  
das já passadas.

**Morte por atropelamento**

Deu entrada na Morgue um indivíduo  
cuja identidade se desconhece. Aparenta 40  
anos, tem tipo de operário, e na Avenida  
Almirante Reis foi atropelado pelo au-  
tomóvel S-1070-A, tendo chegado morto  
ao hospital. O chauffeur foi preso.

**TEATRO NACIONAL**

Telefone N. 3049.

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE — HOJE  
A PEÇA DE GARRETT

FREI LUIS DE SOUSA

Nos primaciais papéis:

Berta Bivar e Alves da Cunha

TEATRO VARIÉDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

**Queixas e reclamações****Um velocipedista arrogante**

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

No antigo Bairro Operário a Sapadores, existe, há 6 meses, numa escadaria, um estabelecimento de aluguel de bicicletas, cujo dono, um estivador conhecido pelo «Samara», aliando a sua pouca cultura e educação à grande proteção que goza do chefe da esquadra da rua do Vale de Santo António, se julga em pais conquistado, fazendo portanto, quanto quer. Parece impossível que num bairro onde mora gente de todas as classes sociais, um dos primeiros carinhos por parte do público, pela notável interpretação que dão ao célebre drama de Garrett. A companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha continua mantendo os seus altos créditos, trabalhando em prol da arte e do nosso teatro.

**O Pé de Salsa**

O já célebre «vaudeville» «O Pé de Salsa», em cena no Avenida, continua sendo o assunto dominante de todas as conversas. Já ninguém ignora o seu sucesso e o brilhante triunfo que nela tem a popular companhia Satana-Amareto. Daí as encheres de todas as noites e o ruído que se está fazendo à sua volta.

**A carreira formidável da «Mouraria»**

Cada vez se afirma mais o sucesso estupendo, aliás justificado, da opereira portuguesa «Mouraria», em cena no Apolo. O público consagrado a encantadora peça, como um verdadeiro modelo de graça, de sentimento e de alegria, cheia de movimentos, de luz e de cor, da mesma maneira como lançou definitivamente no seu conceito os nomes dos seus principais intérpretes: Adelina Fernandes, Mari-Laura, Margarida Ferreira, Maria Mesquita, Almeida Cruz, Alvaro Pereira, Artur Rodrigues, Holbeche, Pereira Arriaga, etc. «Mouraria» repete-se esta noite, em duas sessões, a preços populares.

**Opera no Coliseu**

Realiza-se hoje, no Coliseu dos Recreios, a audição única, nesta temporada, da ópera de Massenet, «Manon», que constitui sempre um acontecimento artístico de relevo, dado o apreço em que o público, amador do belo canto tem esta lindissima obra prima do genio musical. Acrece que hoje, além de desempenhar parte da protagonista uma cantora notabilíssima, a grande Florica Cristoforean, que neste repertório tem uma das melhores, senão a melhor das suas criações, estreia-se o celebré Cristi Solar, uma das mais lindas vozes líricas da actualidade, que nos principais teatros do mundo, entre eles o Scala de Milão, tem obtido grandiosos e inegáveis triunfos.

**Novos quadros por Sascha Morgowa**

E' um acontecimento teatral, a grande companhia de bailados russos «Sascha Morgowa» que há dias tem chamado numeroso público ao Teatro Salão Foz. Os numeros que ontém se estrearam foram unanimemente aplaudidos, merecendo especial referência o quadro «Círculo» composto pelos episódios «Troika» «Dança Indiana» e «Os Cavalinhos Musicais». Hoje estreia-se a segunda série de quadros plásticos e o original quadro «O relógio musical».

**A revista «Sempre Fixe»**

Mantem-se o sucesso, no popular teatro Maria Vitória, no Parque Mayer, da revista «Sempre Fixe». A peça está em pleno triunfo. A fama das suas excepcionais qualidades de atracção e de alegria está espalhada por toda a Lisboa. Os seus números, os seus quadros, os seus «steks» e as suas apoteoses finais — «Plumas» e «Trincheiras de Portugal» — são de grande efeito e prendem o espectador. «Sempre Fixe» é a revista mais moderna e o seu desempenho, entreguado aos primeiros artistas do género, é uma garantia do sucesso que há de continuar mantendo, numa carreira brillante e justíssima. Repete-se hoje, em duas sessões, a preços populares.

**A revista «Sempre Fixe»**

Mantem-se o sucesso, no popular teatro Maria Vitória, no Parque Mayer, da revista «Sempre Fixe». A peça está em pleno triunfo. A fama das suas excepcionais qualidades de atracção e de alegria está espalhada por toda a Lisboa. Os seus números, os seus quadros, os seus «steks» e as suas apoteoses finais — «Plumas» e «Trincheiras de Portugal» — são de grande efeito e prendem o espectador. «Sempre Fixe» é a revista mais moderna e o seu desempenho, entreguado aos primeiros artistas do género, é uma garantia do sucesso que há de continuar mantendo, numa carreira brillante e justíssima. Repete-se hoje, em duas sessões, a preços populares.

**Trágico fim**

No mesmo Instituto também ontem se efectuou a autópsia de Manuel António Ferreira, que, c. mo noticiámos, se suicidou em Oeiras.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o Cemitério do Lumiar.

**Homem ferido com um tiro**

No lugar de Pegam, no concelho de Abrantes, existe uma taberna pertencente a Francisco Carrilho, na qual anteontem à tarde se encontravam vários indivíduos daquela localidade, entre eles Manuel Lopes Correia, de 31 anos, corifeu, e Joaquim Lúcio, de 30 anos, comerciante. Depois de terem bebido alguns copos de vinho desvairaram-se, trocando-se entre ambos palavras azedas e acabando por se envolverem em desordem, sendo nessa ocasião disparados dois tiros, um dos quais foi atingir na perna direita o jornaleiro António Alves Pereira, de 44 anos, do mesmo lugar, que se encontrava encostado ao balcão. Ao verem o ferido, os agressores evadiram-se.

**Um partido a caráter**

CONSTANTINOPLA, 5.—O governo  
está dedicando especial cuidado à organi-  
zação do partido social-democrata.—L.

**IMPRENSA****Carteiras de Identidade**

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, podem ser feitas pelos jornalistas profissionais as requisições para a concessão de carteiras. Iguais, a partir do próximo dia 8 começaram as revalidações das já passadas.

**Morte por atropelamento**

Deu entrada na Morgue um indivíduo cuja identidade se desconhece. Aparenta 40 anos, tem tipo de operário, e na Avenida Almirante Reis foi atropelado pelo automóvel S-1070-A, tendo chegado morto ao hospital. O chauffeur foi preso.

**TIVOLI --**

MATINÉE ÁS 15 HORAS

SOIRÉE ÁS 21 HORAS

O LEQUE

LADY WINDERMERE'S FAN.

que o ilustre dramaturgo Dr. Júlio Dantas traduziu com o título de «Leque de Lady Margarida», representada há poucos anos no Teatro Nacional, é uma alta comédia de recorte elegantsimo. Lubitsch fez da obra prima de Oscar Wilde um «film» simples, sóbrio, sem especulações, mas de uma resiliência subtil. Tanto a encenação como o desempenho e a fotografia são excelentes.

Lady Windermere supeita de seu marido. Presume que mantinha relações íntimas com Mrs. Elyonne, dama de um passado duvidoso e reputada pela alta sociedade londrina. Realização de ERNST LUBITSCH. Intérpretes: Irene Rich, Maxine Cooper, Bert Lytell, Rosalie Crutchley, FOX PODHORN. Drama social e «sensação». Direção TOR HEDBERG. Um Documentário. Uma Cine-Parça. Audição especial da orquestra sob a direção do maestro Nicolino Milane.

LADY WINDERMERE'S FAN.

que o ilustre dramaturgo Dr. Júlio Dantas traduziu com o título de «Leque de Lady Margarida», representada há poucos anos no Teatro Nacional, é uma alta comédia de recorte elegantsimo. Lubitsch fez da obra prima de Oscar Wilde um «film» simples, sóbrio, sem especulações, mas de uma resiliência subtil. Tanto a encenação como o desempenho e a fotografia são excelentes.

Lady Windermere supeita de seu marido. Presume que mantinha relações íntimas com Mrs. Elyonne, dama de um passado duvidoso e reputada pela alta sociedade londrina. Realização de ERNST LUBITSCH. Intérpretes: Irene Rich, Maxine Cooper, Bert Lytell, Rosalie Crutchley, FOX PODHORN. Drama social e «sensação». Direção TOR HEDBERG. Um Documentário. Uma Cine-Parça. Audição especial da orquestra sob a direção do maestro Nicolino Milane.

LADY WINDERMERE'S FAN.

que o ilustre dramaturgo Dr. Júlio Dantas traduziu com o título de «Leque de Lady Margarida», representada há poucos anos no Teatro Nacional, é uma alta comédia de recorte elegantsimo. Lubitsch fez da obra prima de Oscar Wilde um «film» simples, sóbrio, sem especulações, mas de uma resiliência subtil. Tanto a encenação como o desempenho e a fotografia são excelentes.

Lady Windermere supeita de seu marido. Presume que mantinha relações íntimas com Mrs. Elyonne, dama de um passado duvidoso e reputada pela alta sociedade londrina. Realização de ERNST LUBITSCH. Intérpretes: Irene Rich, Maxine Cooper, Bert Lytell, Rosalie Crutchley, FOX PODHORN. Drama social e «sensação». Direção TOR HEDBERG. Um Documentário. Uma Cine-Parça. Audição especial da orquestra sob a direção do maestro Nicolino Milane.

LADY WINDERMERE'S FAN.

que o ilustre dramaturgo Dr. Júlio Dantas traduziu com o título de «Leque de Lady Margarida», representada há poucos anos no Teatro Nacional, é uma alta comédia de recorte elegantsimo. Lubitsch fez da obra prima de Oscar Wilde um «film» simples, sóbrio, sem especulações, mas de uma resiliência subtil. Tanto a encenação como o desempenho e a fotografia são excelentes.

Lady Windermere supeita de seu marido. Presume que mantinha relações íntimas com Mrs. Elyonne, dama de um passado duvidoso e reputada pela alta sociedade londrina. Realização de ERNST LUBITSCH. Intérpretes: Irene Rich, Maxine Cooper, Bert Lytell, Rosalie Crutchley, FOX PODHORN. Drama social e «sensação». Direção TOR HEDBERG. Um Documentário. Uma Cine-Parça. Audição especial da orquestra sob a direção do maestro Nicolino Milane.

LADY WINDERMERE'S FAN.



# A BATALHA

A coerência deve ser uma virtude característica no homem... EDUARDO MIRANDA.



## A solidariedade, factor de liberdade

Em busca do conceito positivo de liberdade, definido com a maior nitidez possível, cremos poder deixar de lado a questão do livre arbitrio e do determinismo. Os deterministas negam a liberdade voluntária, é a vontade independente de motivos, com o poder absoluto de se determinar a si própria; para elas, tal liberdade não existe, sendo a vontade um produto do meio cósmico, individual e social, uma resultante do ambiente em que actua. Os livre-arbitristas, pelo contrário, afirmam essa liberdade, admitindo, porém (como faz o advogado italiano Luis Lala, numa crítica ao *livro bem conhecido de Luis Molinari - Tramonto do direito penal*), admitindo, porém, que algumas vezes a autonomia da vontade pode, pelo concurso de factores externos ou internos, ficar parcial ou totalmente paralisada.

Logo, a vontade pode encontrar, na sua realização, obstáculos insuperáveis, que admitem os próprios livre-arbitristas, anulam a liberdade no terreno dos factos, nas suas relações com o ambiente social, com o mundo exterior.

O que nos importa, pois, é estudar esses obstáculos e os meios de os evitá-los. A questão reduz-se a definir a manifestação exterior da liberdade, para os livre-arbitristas; para os deterministas, a única liberdade existente—a liberdade de agir, ou noutros termos, a possibilidade de realizar a vontade. Pouco importa, para o nosso caso, que a vontade seja ou não determinada.

Ora, donde podem vir os obstáculos à realização da vontade?

Ou das forças naturais, físicas, ou do mundo social, das forças humanas.

A liberdade afirma-se primeiramente como positiva: é o produto dum conquista sobre o ambiente, o resultado dum luta contra as forças exteriores. E logo surge a associação, a coordenação de forças, como factor de liberdade. A cooperação de esforços, actuando contra as forças físicas e sociais hostis, vencendo maiores resistências, aumenta a soma de possibilidades de bem-estar, isto é, de liberdades, de cada uma das partes associadas. E se a solidariedade se desse entre todos os seres humanos, a luta teria como alvo único o triunfo sobre a natureza bruta. As forças conscientes, antes divididas, agora unidas, obteriam vantagens bem mais apreciáveis que as mesquinas vitórias dum guerra irracional, da qual saem amíúde os vencedores mais devidos que os vencidos.

Realizada, pela cooperação voluntária (voluntária e não obrigatoria), pois a coação seria a continuação da luta), a liberdade seria uma afirmação positiva únicamente contra as forças inconscientes da natureza; sob o ponto de vista social, ela seria apenas negativa, o não-emprégo da violência, abstenção alias fácil, se foram tirados aos homens os meios de constranger a vontade alheia, se foi destruído o monopólio da força e da riqueza.

De dois modos gerais pode um homem ser constrangido ou violentado por uma vontade alheia: ou diretamente, pelo emprego da força (*violência*); ou indirectamente, pela detenção ou monopólio dos meios e condições de vida—terrás, instrumentos de trabalho, produtos. Há ainda outra espécie de coação, exercida sobre a inteligência, quer directamente, pelo engano e a mentira, quer indirectamente, pelo monopólio do saber e da instrução, dos meios de propaganda, de comunicação e de educação.

No mundo actual, dividido em classes sociais, a violência indirecta ou económica é sistematicamente exercida pela minoria que detém, apoiada na força bruta e no engano, assim como na ignorância das massas, os meios de produzir e as riquezas acumuladas pelo labor indestrutível das gerações humanas. Armada desse monopólio, pode a classe detentora ou capitalista explorar largamente o trabalho das massas, reduzindo-as à miséria, restringindo-lhes as possibilidades de consumo. E por outro lado pode limitar a produção, para rarefazer e encarecer o produto.

A violência directa ou política é sistematicamente exercida pelo Estado, pelas instituições governamentais, com as suas engrenagens essenciais—a força armada, a magistratura e o carcereiro. Essa organização tem por fim garantir o monopólio capitalista, sem descurar os seus interesses próprios.

O poder económico-político das classes dominantes assenta igualmente na ignorância, desorganização e apatia das massas, em cujo seio é recrutado o baixo pessoal da classe capitalista, instrumento inconsiente da escravidão da sua própria classe. Para manter este estado de coisas, os comandantes têm o monopólio efectivo dos meios de comunicação, de divulgação e de ensino, e servem-se deles para fazer história a seu modo, para desnotear os povos com mentiras e notícias falsas ou unilaterais, para criar uma moral e uma opinião favoráveis aos seus interesses de classe, para só distribuir ao povo migalhas de saber deturpado, para hincar nos cérebros, desde a infância, a força de marchandas, os dogmas interessados, as doutrinas de obediência e passividade—religião, patriotismo, ciência oficial.

Orgão específico desta função conservadora foi principalmente o sacerdócio de todas as Igrejas. E hoje também esse outro sacerdócio, o do dogma oficial, e sobretudo o da grande imprensa, a serviço dos potentes da finança e da política.

A guerra europeia é mais, ainda o esforço solidário das burguesias para esmagar a revolução proletária, iniciada na Rússia mostraram-nos em plena ação todos aqueles organismos de violência e de engano, operando—cada vez mais dificilmente, e certo—sobre o vasto campo da inconsciência das massas exploradas, cuja apatia, no entanto, a grande convulsão veio sacudir energicamente... (L.)

## Uma escola destruída

WASHINGTON, 5.—Uma explosão seguida de incêndio destruiu, próximo de Baltimore, a Escola Francesa Richelieu, cujos alunos nada sofreram. (L.)

## Um expresso fora de si

BUCAREST, 5.—O expresso Bucarest-Constança descarrilou próximo de Triana. O número de vítimas é muito elevado. (L.)

## As doutrinas cristãs condenam o operariado à servidão perpétua

Abstraindo do que realmente fez o corpo de crentes do Cristianismo, encaramos por um pouco apenas a sua moral, inegavelmente a sua obra mais duradoura, já que, depois sobretudo da crítica protestante, não podemos dizer a mais meritória. Esta longe, realmente, de ser perfeita a moral evangélica, a pesar de que, de longe, lá transparece inteira toda a candura da grande alma de Jesus. O amor; eis a base do seu código. E a Justiça?... «Não façais a outrem o que não quiseras que te fizessem».

«Amo o teu próximo como a ti mesmo». «Perdoa ao teu próximo setenta vezes.

«Mete a espada na bainha; porque aquele que ferir com a espada, pela espada morrerá».

«Sede mansos e humildes do coração».

«Aprende que misericórdia quero e não sacrifício».

«Amai até os vossos inimigos».

Tais são os preceitos que continuamente escapam da sua boca. Inicialmente, porém, levando muito longe os seus princípios, ele, como todos os entusiastas, caiu em excessos deploráveis. Do amor caiu na abnegação, e da abnegação na passividade absoluta.

«Não resistais ao mau». Mas isto, meu Jesus! será o triunfo pleno do Despotismo. Este princípio quer dizer socialmente:

a) a submissão plena aos arbitrios do poder;

b) a resignação com as prepotências praticadas pelas classes dirigentes sobre as classes dirigidas;

c) a negação do direito de insurreição, implicando, consequentemente, a negação do progresso social, filho do poder evolutivo da ideia, mas sempre traduzido em facto por meio da insurreição.

«Se vos fôrarem a dar mil passos carregado, dai dois mil». Percebeis, operários, que trabalhais desde o alvorecer até muito depois do sol se pôr, para enriquecerdes com o vosso trabalho, com o vosso suor amargo de cada hora, o vosso explorador de cada dia; percebeis o que isto significa?

a) a negação do direito ao trabalho;

b) o predominio capitalista, gerando dum lado um excesso de miséria e de privações;

c) a negação do direito à greve, às colisões, às associações de classe;

d) a renúncia a todo o melhoramento nas condições económicas do proletariado, que, por puramente carregado que esteja, deve ainda desejar carga maior?...

«Quando vos baterem na face esquerda, apresentai a direita».

Governantes poderosos do mundo ricos, dominadores! aqui nos tendes! estamos cheios de fome, exaustos de cansaço, queimados pela febre, devorados pela sede, rotos, frios, moribundos: vã, nobres senhores! espancados, golpeados, calçados nas patas das vossas cavalos, fuzilados, arcabuzados! nós sofreremos tudo com resignação, e, já feridos de morte, arrastar-nos hemos ignobilmente na arena, debaixo do camarote imperial, para aí pronunciarmos servilmente o: «Nós que vamos morrer te saldamos, o César glorioso e omnipotente!».

E, todavia, este herói disseu um dia:

«O servo não é mais que seu senhor, nem éste mais do que aquele».

Mas, crente na vida eterna, crente no reino de Deus, a igualdade em que nos falava o filho de Maria era uma igualdade ilusória, uma igualdade além da campa. Só prudente Deus é que o manto dos reis e dos pontífices era nivelado com os andrados do miséravel.

Daqui o erro de se dizer que o Cristianismo quebrou as algemas da servidão. Não; o escravo da antigaidade, ao salariado de hoje, aconselhava ele a resignação no sofrimento; ao cativo, a submissão ao vencedor.

Vós deveis submeter-vos. Quanto maior for

a infâmia deste mundo mais glorioso o triunfo do reino do eterno Pai, onde só os méritos do homem são pesados e não o seu nascimento.

E foi assim que, longe de ser um elemento de progresso, o Cristianismo foi um travão à Revolução, por causa dessa imperfeição a moral evangélica, a pesar de que, de longe,

a longe, lá transparece inteira toda a candura da grande alma de Jesus. O amor; eis a base do seu código. E a Justiça?...

«Não façais a outrem o que não quiseras que te fizessem».

«Amo o teu próximo como a ti mesmo». «Perdoa ao teu próximo setenta vezes.

«Mete a espada na bainha; porque aquele que ferir com a espada, pela espada morrerá».

«Sede mansos e humildes do coração».

«Aprende que misericórdia quero e não sacrifício».

«Amai até os vossos inimigos».

Tais são os preceitos que continuamente escapam da sua boca. Inicialmente, porém, levando muito longe os seus princípios, ele, como todos os entusiastas, caiu em excessos deploráveis. Do amor caiu na abnegação, e da abnegação na passividade absoluta.

«Não resistais ao mau». Mas isto, meu Jesus! será o triunfo pleno do Despotismo. Este princípio quer dizer socialmente:

a) a submissão plena aos arbitrios do poder;

b) a resignação com as prepotências praticadas pelas classes dirigentes sobre as classes dirigidas;

c) a negação do direito de insurreição, implicando, consequentemente, a negação do progresso social, filho do poder evolutivo da ideia, mas sempre traduzido em facto por meio da insurreição.

«Se vos fôrarem a dar mil passos carregado, dai dois mil». Percebeis, operários, que trabalhais desde o alvorecer até muito depois do sol se pôr, para enriquecerdes com o vosso trabalho, com o vosso suor amargo de cada hora, o vosso explorador de cada dia; percebeis o que isto significa?

a) a negação do direito ao trabalho;

b) o predominio capitalista, gerando dum lado um excesso de miséria e de privações;

c) a negação do direito à greve, às colisões, às associações de classe;

d) a renúncia a todo o melhoramento nas condições económicas do proletariado, que, por puramente carregado que esteja, deve ainda desejar carga maior?...

«Quando vos baterem na face esquerda, apresentai a direita».

Governantes poderosos do mundo ricos, dominadores! aqui nos tendes! estamos cheios de fome, exaustos de cansaço, queimados pela febre, devorados pela sede, rotos, frios, moribundos: vã, nobres senhores! espancados, golpeados, calçados nas patas das vossas cavalos, fuzilados, arcabuzados! nós sofreremos tudo com resignação, e, já feridos de morte, arrastar-nos hemos ignobilmente na arena, debaixo do camarote imperial, para aí pronunciarmos servilmente o: «Nós que vamos morrer te saldamos, o César glorioso e omnipotente!».

E, todavia, este herói disseu um dia:

«O servo não é mais que seu senhor, nem éste mais do que aquele».

Mas, crente na vida eterna, crente no reino de Deus, a igualdade em que nos falava o filho de Maria era uma igualdade ilusória, uma igualdade além da campa. Só prudente Deus é que o manto dos reis e dos pontífices era nivelado com os andrados do miséravel.

Daqui o erro de se dizer que o Cristianismo quebrou as algemas da servidão. Não; o escravo da antigaidade, ao salariado de hoje, aconselhava ele a resignação no sofrimento; ao cativo, a submissão ao vencedor.

Vós deveis submeter-vos. Quanto maior for

a infâmia deste mundo mais glorioso o triunfo do reino do eterno Pai, onde só os méritos do homem são pesados e não o seu nascimento.

E foi assim que, longe de ser um elemento de progresso, o Cristianismo foi um travão à Revolução, por causa dessa imperfeição a moral evangélica, a pesar de que, de longe,

a longe, lá transparece inteira toda a candura da grande alma de Jesus. O amor; eis a base do seu código. E a Justiça?...

«Não façais a outrem o que não quiseras que te fizessem».

«Amo o teu próximo como a ti mesmo». «Perdoa ao teu próximo setenta vezes.

«Mete a espada na bainha; porque aquele que ferir com a espada, pela espada morrerá».

«Sede mansos e humildes do coração».

«Aprende que misericórdia quero e não sacrifício».

«Amai até os vossos inimigos».

Tais são os preceitos que continuamente escapam da sua boca. Inicialmente, porém, levando muito longe os seus princípios, ele, como todos os entusiastas, caiu em excessos deploráveis. Do amor caiu na abnegação, e da abnegação na passividade absoluta.

«Não resistais ao mau». Mas isto, meu Jesus! será o triunfo pleno do Despotismo. Este princípio quer dizer socialmente:

a) a submissão plena aos arbitrios do poder;

b) a resignação com as prepotências praticadas pelas classes dirigentes sobre as classes dirigidas;

c) a negação do direito de insurreição, implicando, consequentemente, a negação do progresso social, filho do poder evolutivo da ideia, mas sempre traduzido em facto por meio da insurreição.

«Se vos fôrarem a dar mil passos carregado, dai dois mil». Percebeis, operários, que trabalhais desde o alvorecer até muito depois do sol se pôr, para enriquecerdes com o vosso trabalho, com o vosso suor amargo de cada hora, o vosso explorador de cada dia; percebeis o que isto significa?

a) a negação do direito ao trabalho;

b) o predominio capitalista, gerando dum lado um excesso de miséria e de privações;

c) a negação do direito à greve, às colisões, às associações de classe;

d) a renúncia a todo o melhoramento nas condições económicas do proletariado, que, por puramente carregado que esteja, deve ainda desejar carga maior?...

«Quando vos baterem na face esquerda, apresentai a direita».

Governantes poderosos do mundo ricos, dominadores! aqui nos tendes! estamos cheios de fome, exaustos de cansaço, queimados pela febre, devorados pela sede, rotos, frios, moribundos: vã, nobres senhores! espancados, golpeados, calçados nas patas das vossas cavalos, fuzilados, arcabuzados! nós sofreremos tudo com resignação, e, já feridos de morte, arrastar-nos hemos ignobilmente na arena, debaixo do camarote imperial, para aí pronunciarmos servilmente o: «Nós que vamos morrer te saldamos, o César glorioso e omnipotente!».

E, todavia, este herói disseu um dia:

«O servo não é mais que seu senhor, nem éste mais do que aquele».

Mas, crente na vida eterna, crente no reino de Deus, a igualdade em que nos falava o filho de Maria era uma igualdade ilusória, uma igualdade além da campa. Só prudente Deus é que o manto dos reis e dos pontífices era nivelado com os andrados do miséravel.

Daqui o erro de se dizer que o Cristianismo quebrou as algemas da servidão. Não; o escravo da antigaidade, ao salariado de hoje, aconselhava ele a resignação no sofrimento; ao cativo, a submissão ao vencedor.

P